

O CONTAR HISTÓRIAS ENQUANTO AÇÃO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO A PARTIR DE UM GRUPO DA MELHOR IDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Guilherme de Souza Vieira Alves
guilherme_g21@hotmail.com

*Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – CEETEPS
Faculdades Integradas Soares de Oliveira – FISO*

Resumo: O Programa Melhor Idade, sob coordenação da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, traz para dentro do espaço universitário pessoas com mais de 45 anos de idade e que procuram por atividades educativas, por uma valorização simbólica, sem o objetivo de formação profissional. Uma boa qualidade de vida na velhice é resultado da interatividade dentre as pessoas em mudança, numa sociedade em mudança. Das diversas maneiras que se pode conceituar o processo de identidade, uma ênfase à construção do eu, importante para com o outro, visto que além de vivermos no mesmo mundo, há de se considerar a participação de um ser com o outro. A presente pesquisa esteve inserida dentro do Programa de Extensão “Melhor Idade” de uma instituição de ensino superior, iniciado no segundo semestre de 2009. Os objetos deste relato de experiência são voltados à importância de ações efetivas na constituição da identidade do idoso, assim como o interesse em poder investigar o significado da ação benemérita na terceira idade através de ações concretizadas na arte de contar histórias. As pessoas com suas diferentes histórias de vida, experiências e objetivos estão engajadas em um contexto social, onde cada qual tem suas expectativas, tanto pessoais quanto profissionais. Para a realização deste relato, há de se considerar alguns fatores característicos da pesquisa qualitativa como o de permitir que os dados obtidos possam ser ricos em pormenores descritivos, possibilitar um contato profundo com os indivíduos dentro de um contexto mais natural, além de que a investigação na pesquisa qualitativa lida com a perspectiva teórica que inclui a consideração de uma história, uma cultura dentro da realidade social investigada. O pesquisador esteve reunido com os alunos do Programa durante o 2º semestre de 2011, 01 vez por semana, durante 01 hora e 30 minutos por dia, durante um semestre. Para efeito de relato, são apontados 03 encontros (02 durante o mês de setembro e 01 no mês de novembro do ano de 2011) a fim de que se pudesse registrar, analisar e identificar as características do grupo observado. Fez-se a coleta de dados por observações, transcrevendo-se para o papel as ideias e diálogos dos alunos/personagens. Tais coletas foram compiladas. Utilizou-se a Pesquisa Participante, de cunho etnográfico que é fundamentada pela participação do pesquisador no grupo. Os resultados expressam as importantes características concretizadas durante o processo de acompanhamento. Como resultados, há relatórios com observações de acordo aos fatos dos encontros. Sobre o processo de identidade, este dá significado para o eu e para o outro, entre a existência das identidades possíveis, em casos coletivos ou individualmente.

Palavras-chave: Contadores de histórias, Desenvolvimento humano, Melhor Idade, Pesquisa qualitativa.

Introdução

O presente artigo é embasado na perspectiva de se enumerar as características de um relato de experiência, ao qual intenciona por meio de critérios preestabelecidos evidenciar as observações e relatos a partir do acompanhamento e desenvolvimento das atividades sobre “Contadores de Histórias”, dentro de um Programa Aberto à Melhor Idade, sob coordenação

da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura de determinada Instituição de Ensino Superior localizada no interior de São Paulo.

Esse programa social tem por finalidade trazer para dentro do espaço universitário pessoas com mais de 45 anos de idade, e que procuram por atividades educativas. As atividades não têm fins lucrativos, apenas valor simbólico e também não tem objetivo de formação profissional.

Neste sentido, sabe-se que a transição do século XX para o XXI trouxe conquistas que a partir de então devem ser consideradas favoráveis: o aumento significativo da expectativa de vida ao qual os idosos têm demonstrado estar gradativamente alcançando.

Atualmente chegar à velhice, é um fato notório nos países desenvolvidos, mas também é um diferencial dos países em desenvolvimento e os subdesenvolvidos – todos em suas condições próprias contam com a parcela da população idosa.

De acordo com Lima-Costa e Veras (2003) a expectativa da população idosa no Brasil para o ano de 2020 é de 32 milhões. É um grande salto populacional, visto que na década de 60 havia aproximadamente 3 milhões de idosos no País. Cada novo ano, cerca de 650 mil idosos são incorporados ao Brasil, o que não nos caracteriza como um país jovem.

Como prática de prolongar os anos de vida, dando vida aos anos, há de conceder aos idosos os direitos ao lazer, esporte, educação permanente, cursos e oficinas das mais variadas, porque são atividades que exercitam a cognição, estimulam o raciocínio, ocupando a mente com tarefas prazerosas e mais do que isso, estimulam às práticas da saúde física e mental, por sua vez aquela que se considera também a saúde social.

De acordo com Marcellino (2010) o lazer pode ser verificado por pelo menos duas maneiras distintas, a depender do contexto. Uma objetiva primordialmente conteúdos culturais, ou seja, referentes às atividades artísticas, práticas físicas, e em meios similares; outra verificação é atribuída ao lazer quando há características de obrigação, a exemplos as relações familiares, trabalho profissional e também o trabalho escolar.

Metodologia

Para efeito metodológico, observou-se o grupo em 03 (três) tardes de quintas-feiras (08/09/2011, 15/09/2011 e 17/11/2011), por um período de 1h30

(uma hora e trinta minutos) aproximadamente em cada tarde, a fim de se analisar características, desenvolver trabalhos e principalmente coletar das mais diversas fontes de informação sobre as impressões de um grupo, participando ativamente entre si como contadores de histórias.

A discussão deve ser entendida e privilegiada de seu ponto de vista dinâmico, histórico, social e de uma visão com caráter circular. Dessa forma, a realização da presente investigação, ou seja, suas bases teórico-metodológicas convergem na direção da pesquisa qualitativa, sendo que “os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” (BOGDAN e BIKLEN, 1994 p.48).

A situação de se observar sobre o significado de ações beneméritas na melhor idade, solicita uma busca mais profunda, que justamente possa operar com valores, crenças, opiniões, significados, motivações, e que não podem ser reduzidos às questões quantitativas.

Minayo (1994) salienta que, no processo de investigação, é importante ir reconhecendo a conveniência e a utilidade dos métodos disponíveis. Nesse sentido, André (1995) destaca os estudos etnográficos dentre os que apresentam pressupostos teóricos de metodologia qualitativa, por referirem-se a aspectos culturais e sociais que permitem coleta de dados sobre valores, hábitos, crenças, práticas e comportamentos de um determinado grupo social.

Esse tipo de desenho metodológico possibilita, justamente, uma visão que considera o contexto próprio da instituição ao mesmo tempo em que permite a compreensão de singularidades e vivências das inter-relações estabelecidas no espaço social e educacional.

Resultados e Discussão

Diante do exposto, os resultados e discussão convergem nas observações durante alguns dias de reuniões conjuntamente com o grupo da Melhor Idade, a fim de pormenorizar as características que vêm ao encontro dos objetivos desta pesquisa.

Na data de 08/09/2011, a convite da coordenação do Projeto Contadores de Histórias, a turma de alunos, recebeu e passou a conhecer uma profissional que atua diretamente na área de contação de histórias, sendo que a proposta desta tarde foi uma

Oficina dirigida a transmitir conceitos sobre técnicas de contar histórias, como o contar, como iniciar e finalizar uma narrativa, além de abordagens como a faixa etária das histórias, as que mais são trabalhadas, enfim, os fundamentos teórico/práticos do contar histórias.

A convidada mostra por meio de recurso visual, toda a proposta desenvolvida no âmbito escolar. Os alunos participam com perguntas, comentários, dúvidas e questões que norteiam a prática das histórias, sendo que estes parecem extremamente empolgados, curiosos e participativos o que reflete conhecimento grandioso e valorativo.

Após a explanação teórica, a convidada que trouxe diversos tipos de materiais experimentais, elaborados e desenvolvidos por ela, como bolsas, caixas de sapatos, luvas, dedoches, livros técnicos/científicos, mostrando como é possível utilizar a diversidade de materiais (plástico, papelão, feltro, E.V.A e velcro) para as diferentes situações – hospitais, creche, escola e também em casa. Foi possível perceber de que forma, quando e onde os materiais são utilizados. Neste momento os alunos estão curiosos, inquietos e falantes frente à novidade do que lhes eram apresentados.

Nada mais justo do que além de relatar sobre suas vivências e conhecimentos sobre a temática, a convidada apresenta-se agora como protagonista, participando ativamente como contadora de histórias. Percebe-se o quanto o grupo se atenta à importância de improvisação, desenvoltura, memorização, entonação de voz, alegria e disposição perante as narrativas contadas pela contadora. Alguns indagam com intenções de se tornarem contadores aos seus familiares.

A convidada recebe o convite de voltar na próxima reunião e relata que os alunos farão uma atividade onde possam escolher um material para elaborar o seu próprio.

Já na data de 15/09/2011, observou-se um grupo formado por aproximadamente 16 mulheres e 1 homem, todos discutindo assuntos paralelos e dos mais diversificados. Acredita-se que a participação mais efetiva em números das mulheres é característica da nossa própria cultura, ou seja, as mulheres são mais dispostas a participarem de atividades sociais, em grupo que trabalham e discutem dos mais variados temas.

Elas conversam paralelamente sobre os assuntos do cotidiano: casa, filhos e netos, artesanato, dentre outros; em contrapartida, a participação em menor número dos homens dá-se pelos motivos de serem mais retraídos, quietos, não menos, nem mais importante que a das

mulheres, agem geralmente mais pela razão, logo participam com menor frequência de atividades em público, de caráter social.

Algumas pessoas são mais quietas, retraídas, e não conversam com as outras. Isso é notável, a partir do pressuposto que muitos têm maior facilidade e espontaneidade em conviver em meio às outras pessoas que nos circundam em uma sociedade, logo a desinibição é um processo natural e agregado à medida que vamos convivendo uns com os outros.

Há também pessoas que falam bastante, extrovertidas; faz-se necessário observar o quanto em momentos específicos torna-se mais unidas. O grupo foi orientado a aproximarem-se em duplas e lerem uma história, compartilhando-a com o parceiro, para que assim encenassem uma breve apresentação perante os colegas. Neste instante é fundamental observar como as duplas permaneceram focadas na leitura e discussão dos livros de histórias.

A partir deste momento inicia-se o ato de contar histórias. Uma por vez, as duplas sentam-se frente a frente e então, apresentam a todos os presentes suas histórias. A plateia assiste atentamente às duplas.

A 1ª apresentação foi uma dupla que desempenhou um papel significativo, com destaque para as técnicas de improvisação, desenvoltura, entonação de voz e desinibição ao falar em público. Ambas dominaram a arte da interpretação, escrita nas entrelinhas que se propuseram a contar.

A 2ª apresentação foi de 04 integrantes que em momentos anteriores, nas residências delas, organizaram de maneira objetiva algumas frases, escritas em tiras de papel, que passaram a leitura dos mesmos para a classe.

- i. Relata questões educacionais do professor, de autoria de Rubem Alves;
- ii. Discorre sobre a “escutatória”- a arte de saber ouvir; aqui a classe atentou a compreender algo novo e diferente do cotidiano;
- iii. Nesta apresentação, percebe-se que a integrante está tímida perante a ideia de apresentar-se aos colegas, mas mesmo assim, encorajada faz a sua participação enquanto membro de um grupo;
- iv. A última integrante diz claramente e já de início não querer participar, mas aceitou de momento e começa a retratar seu improviso sobre “cozinhar”.

Para todas as 04 (quatro) participações os colegas que assistiam demonstraram interesse e curiosidade pela apresentação do grupo, sendo que na última ocorre a participação de modo geral com relatos de seus próprios casos e comentários de suas histórias particulares e opiniões.

A dupla sentada a frente do pesquisador (extremamente comunicativas) realiza a apresentação de *A Bela Adormecida*, de modo simples, tranquilo, mas com interação e emoção dentre ambas.

As equipes formadas por mulheres apresentaram suas narrativas. Acredita-se que este momento foi o mais incomum: um senhor tem a iniciativa de nos contar um pouco sua história. Ele introduz seu contexto com sentimentos, relatando seus casos e histórias pessoais e finaliza contando as vivências de uma criança - sua própria neta e as situações, as quais ele tem vivido ao contar histórias a ela. Ele enaltece as situações de infância, a importância do contar histórias para as crianças, com o desfecho de momentos felizes de sua vida. Demonstra contar histórias como uma ação de naturalidade, rotineira e prazerosa, se aproximado de sua neta.

Após as apresentações, a professora comenta a agradece a participação de todos, enfatizando a importância que existe neste tipo de atividade.

Diante disso, torna-se possível perceber o quanto as pessoas possam ter suas dificuldades, limitações, mas ainda assim, o quanto é contribuir para com o outro, seja através de um incentivo, de um ato a convidar o outro a participar.

Neste último dia de convivência e observação com o grupo, 17/11/2011, os alunos recebem seus materiais da narrativa *João Felizardo*, trabalhado nos últimos encontros e a professora coordenadora separa as falas de cada personagem, grifando e explicando o que cada um teria de ler da narrativa.

Alguns alunos conversam paralelamente sobre os assuntos de rotina, casuais, e outros estão atentos às falas da professora; nota-se também que alguns estão com suas atividades de passatempo, como crochê e palavras cruzadas.

A coordenadora indaga pela falta de completar a equipe de personagens presentes na história, logo os alunos suggestionam aqueles que poderiam assumir os papéis dos personagens. Posteriormente é possível completar o quadro de participantes para que comece a narrativa; percebe-se o relato de que um aluno gostaria de poder participar mais, ter um papel mais importante, de maior destaque, além do que já tem, daquele que lhe foi atribuído, sendo que no instante, a professora disse-lhe que haverá outras

oportunidades e trocas de papéis, sendo que poderá de uma próxima vez ter uma participação mais efetiva.

Inicia-se a apresentação. Os alunos-personagens estão dispostos em pé, frente a todos os outros, como leitores de uma história, em que é necessária a interação do narrador com os personagens.

Ao se concluir a narrativa, os alunos parecem estar mais seguros, confiantes, e dominam mais as falas de cada personagem, sabendo um pouco mais os assuntos e os momentos que cada um tem de falar.

Enquanto observador, foi possível analisar uma situação valiosa e oportuna: determinado aluno em tom de voz a pedir a atenção de todos, chama pela professora dizendo que “é o momento de começarmos a interpretar”; grande parte dos colegas em vozes sussurrando concordam afirmando os dizeres anteriores.

É considerável analisar que neste encontro faltaram muitos dos alunos que integram a equipe de contadores de histórias, sendo necessária a substituição inicial das personagens por outras, assim havendo o número de personagens a sociabilizar a narrativa. A casualidade aqui exemplificada não reflete necessariamente um problema, uma vez que sempre é importante em um grupo, não contar com apenas um (a) personagem, mas sim o ideal em teatro ou no contar histórias, são várias pessoas saberem as falas e os personagens serem conhecidos de muitos deles.

Conclusão

A pesquisa visa a interlocução de pessoas, formadoras de um grupo comum, tem-se a partir de então um processo de formação ou construção de idade, que segundo Ribeiro (2004, p. 18) no processo de formação do eu, “o outro passa a ser imprescindível para sua construção. Não somente vivemos no mesmo mundo, mas participamos cada qual do ser do outro”.

Das diversas formas que há de se considerar a formação de identidade, um enfoque à formação pós-moderna, como explicitada por uma profissional da educação, descrita por Moreira e Cunha (2008):

Eu vejo a identidade (...) como uma construção que vai se fazendo, nos diversos espaços a que os sujeitos estão tendo acesso. [...]. Mas, eu não elimino o fato de ter algum componente biológico. Eu não acho que identidade é totalmente construção, ela tem um componente biológico. Mas ele não é o determinante. O que é determinante mesmo é como essa biologia, essa essência, ela vai interagir com esses diversos espaços. E ela é sempre múltipla, ela é multifacetada (MOREIRA e CUNHA. 2008, p.16).

Ainda nessa mesma perspectiva de pensamento teórico, outro professor, apontado por Moreira e Cunha (2008) relata:

Eu acho que tem benefícios [...] pensar que o indivíduo não é uma coisa unidimensional. Pensar que o indivíduo talvez não seja um todo coerente. [...], mas, na verdade, quando você vai ver os grupos, também é a mesma coisa. Então, eu acho que essa ideia de múltiplas ideias, [...] na verdade não tem nada de muito original na sociologia (MOREIRA e CUNHA, op cit, p.16).

Diante do levantamento e da pesquisa realizada, as conclusões foram decisivas sob a ótica dos fatos ocorridos, bem como considerar que em pesquisas qualitativas é essencial que haja a interpretação minuciosa das situações vivenciadas; observar as características que cada grupo pode apresentar, visto que estas mudam de acordo com o contexto histórico e o espaço físico; a formação identitária é um processo lento que se dá progressivamente e em paralelo às atividades observadas na prática, sendo muita das vezes o acompanhamento o passo a anteceder tal ação; pesquisadores qualitativos estão mais atentos às metodologias do que a resultados objetivos; no campo da etnografia, faz-se necessário registrar tudo aquilo que se vê, mesmo que pareça uma tarefa extremamente impossível.

A partir do relato de experiência, nota-se o quão é valorativo e importante que haja incentivos à Melhor Idade para que participem de programas culturais, sociais e tantos outra ligada à educação, porque este grupo tem condições de se tornar mais do que receptores de conhecimento, podem certamente transmitir a quem seja, histórias, sabedorias e vivências no tocante de serem protagonistas de suas próprias histórias.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

BOGDAN, R. BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

LIMA-COSTA, M. F.; VERAS, R. Saúde pública e envelhecimento. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p.700-701, mai/jun, 2003.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

MOREIRA, A. F. B.; CUNHA, R. C. O. **A discussão da identidade na formação docente**, p. 7-21, 2008.

RIBEIRO, M. Implicações do processo identitário na formação continuada de professores. **Sitientibus**. Feira de Santana, n. 31, p. 75-84, jul/dez, 2004.